

33 CIDADES

TEMA DO DIA //

CORREIO BRAZILIENSE

BRÁSILIA, SÁBADO, 2 DE AGOSTO DE 2008
Editora: Samanta Sallum//
samanta.sallum@correioweb.com.br
Subeditores: Ana Paixão, Carlos Javares,
Cibelle Colmanetti e Nelson Torreão
Coordenador: Roberto Fonseca//
roberto.fonseca@correioweb.com.br
E-mail: cidades@correioweb.com.br
Tels.: 3214-1180 • 3214-1181
Fax: 3214-1185

182



O TOM da despedida

SILENCIOSO, DISCRETO, COLORIDO: O ENTERRO DE ATHOS BULCÃO, NO FIM DA TARDE DE ONTEM, FOI COERENTE COM A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E PESSOAL DO ARTISTA

CARLOS MARCELO
DA EQUIPE DO CORREIO

Faltavam 10 minutos para as cinco da tarde de mais um dia quente e seco de agosto quando choveu em Brasília. Lançadas de helicóptero, pétalas de rosas vermelhas caíram do céu azul em cima do toldo verde do jazigo reservado ao mestre da cor. Em trajés imponentes, casacas azuis e penachos vermelhos, a escolta fúnebre formada por nove policiais retirou o esquife do caminhão e o conduziu, em passos lentos e ritmados, até o local do sepultamento. Menos de 100 pessoas formaram o cortejo. Assim foi o enterro de Athos Bulcão na cidade que ele escolheu para viver e morrer: silencioso, colorido, discreto.

A toque de caixa, o meio-fio do Setor A da quadra 705 do Campo da Esperança ganhou tonalidade branca adicional para a cerimônia. José Luiz dos Santos, 20 anos, ainda pintava de cal o acostamento quando o carro oficial do Corpo de Bombeiros chegou à Ala dos Pioneiros. "Eu já ouvi falar dele, era um

Iano Andrade/CB/DA Press



Daniel Ferreira/CB/DA Press



BOMBEIROS LEVARAM O CORPO AO CEMITÉRIO

Iano Andrade/CB/DA Press



ritimadas, até o local do sepultamento. Menos de 100 pessoas formaram o cortejo. Assim foi o enterro de Athos Bulcão na cidade que ele escolheu para viver e morrer: silêncio, colorido, discreto.

A toque de caixa, o melo-fio do Setor A da quadra 705 do Campo da Esperança ganhou tonalidade branca adicional para a cerimônia. José Luiz dos Santos, 20 anos, ainda pintava de cal o acostamento quando o carro oficial do Corpo de Bombeiros chegou à Ala dos Pioneiros. "Eu já ouvi falar dele, era um artista, né?", ariscou o funcionário. Responsável pelo comando da escolta, o tenente Jadir da Silva se dizia "honrado" pela missão de comandar os oito integrantes do Regimento de Polícia Montada na cerimônia: "Ele é um pioneiro, li numa reportagem que ele ajudou a fazer a grejinha, a espalhar beleza pelo DF". O artista morreu na manhã de quinta-feira, aos 90 anos, devido a complicações do mal de Parkinson.

A escolta militar foi seguida até o jazigo por familiares, ex-alunos, artistas, funcionários da Fundação Athos Bulcão e antigos colegas da Universidade de Brasília. "Ainda não caiu a ficha. Não sei como será na segunda-feira quando percebermos que viramos uma fundação de memória", afirma Glauber Coradesqui, coordenador de Pesquisa e Projetos da Fundação Athos Bulcão. De branco, a secretária-executiva da entidade, Valéria Cabral, também se emocionou durante a cerimônia.

Ao ver o caixão descer, pouco depois das 17h, um ex-aluno deixou escapar: "Nosso mestre está indo embora...", emocionou-se Luiz Henrique Duarte, ao lado do amigo Aleixo Furtado. Estudantes da UnB no início dos anos 1960, eles trabalharam com Athos no Teatro Nacional e nos azulejos do Mercado das Flores, ao lado do cemitério. "É um prazer único ter a vida profissional ligada à do seu professor", conta Duarte, revelando que Athos, pela postura reservada e as palavras proferidas em tom baixo, era conhecido na UnB como "Monsenhor". "Ele dizia que a gente ia muito ao banheiro durante a aula, perdia o tempo de prestar atenção nas cores", lembra Aleixo.

"Athos nunca foi professoral: adorava conversar sobre cinema, sua grande paixão. Nunca mais vivi encontros tão bacanas quanto os que tive nas aulas dele", revela outro ex-aluno, o escultor Miguel Simão. "Vê-lo trabalhar era um aprendizado, era o homem que mais entendia de uso da cor que eu conheci", destaca o gravador Luiz Gallina, que fez a arte-final de muitos azulejos de Athos e definiu o mestre como "sofisticado e silencioso". Outros artistas plásticos, como Evandro Salles e Omar Franco, também estiveram no local.

Máquina fotográfica na mão, o escritor e psicanalista Ézio Flávio Bazzo confessou "especial interesse" em testemunhar o ritual preparado para a despedida de um dos criadores da identidade visual de Brasília. "Eu não o via pela cidade, a cidade não o conhecia. Era um homem invisível. Por que não era homenageado todo ano, e não apenas no fim da vida?", questionou, apostando no "início do resgate" com a "apoteose" do enterro.

A expectativa de Bazzo se frustrou. A cerimônia não teve nada de apoteótica: simples e rápida, durou menos de 40 minutos. Ao final, muitos aplausos. E, novamente, o silêncio. Em cima do caixão, a bandeira do Brasil e também a do DF: branca, quadrado verde-amarelo no meio — como um azulejo do artista. Às 17h30, quando terminou o enterro de Athos Bulcão, o sol se escondia atrás das nuvens e o céu de Brasília ficou menos azul.



DO CAIXÃO DO ARTISTA FOI CONDUZIDO ATÉ O JAZIGO PELA ESCOLTA FÚNEBRE DO REGIMENTO DA POLÍCIA MONTADA

BOMBEIROS LEVARAM O CORPO AO CEMITÉRIO

Ino Andrade/CB/DA Press



MENOS DE 100 PESSOAS ACOMPANHARAM O ENTERRO

ETERNOS LAÇOS de amizade

LÍVIA NASCIMENTO
DA EQUIPE DO CORREIO

Daniel Ferreira/CB/DA Press



VÍCTOR AQUINO CHORA A PERDA DO "VOVÓ ATHOS"

Athos Bulcão não teve filhos biológicos, mas criou com Darlon de Aquino, 31 anos, uma ligação afetiva mais forte do que muitos laços de sangue. Durante 13 anos, Darlon se manteve ao lado do artista plástico como uma espécie de secretário particular, que resolvia todas as questões administrativas e pessoais do mestre. O afeto entre os dois foi transferido para o filho de Darlon, Víctor Aquino, 7, que chamava Athos de avô. Ontem, como toda criança em uma situação de tristeza, o menino tentou achar consolo no colo da mãe, que procurava acalmá-lo dizendo: "O vovó vai ficar bem, não se preocupe".

A ligação entre o mestre e o auxiliar começou por acaso. Um tio taxista de Darlon apresentou o sobrinho ao artista, que precisava de alguém que servisse de motorista e se encarregasse de outras

atividades do dia-a-dia. "O professor Athos não dirigia mais e meu tio ficava muito tempo à disposição dele. Então, ele pensou que poderia ser uma oportunidade para mim", lembrou Darlon. Com o tem-

po, a relação patrão/empregado foi substituída por um carinho e admiração inabaláveis. "Ele não era mais o meu patrão. Era como um pai", disse o rapaz.

Quando Darlon se tornou pai, Athos fez questão de comemorar com arte a chegada do "neto". Inicialmente, fazia desenhos mensais para Víctor — era costume de Athos demonstrar o amor que sentia pelas pessoas por meio de suas obras. Os presentes continuaram até os três anos do menino, antes da doença do mestre avançar. Os desenhos ilustram hoje as paredes do quarto do garoto.

Além de Darlon, Athos Bulcão tinha outro anjo da guarda. Ela responde pelo nome de Cândida Xavier, 78 anos, 34 deles dedicados ao mosaicista. Durante a despedida, Cândida era uma das pessoas mais abaladas. "A dor que estou sentindo é indescritível. Perdi um amigo, um pai, um irmão. Perdi um companheiro", resumiu.

Durante todo o velório, apesar do cansaço e do abatimento, Cândida permaneceu em pé ao lado do caixão com o corpo do amigo de tantos anos. De tempos em tempos, fazia um carinho e ajeitava a bonina que cobria a cabeça do professor, tentando estender ao máximo os últimos momentos de convívio.

correioabrazillense.com.br

Veja hotspots
especial sobre Athos Bulcão

CIDADANOS/TEMPO DO D

CRIANÇAS DA ESCOLA CLASSE DA 316 SUL: "VALEU, ATHOS", ESTAMPARAM AS CARTOLINAS ESCRITAS À MÃO



Daniel Ferreira/CB/DA Press



FUNCIONÁRIOS E ALUNOS DO ESPAÇO CULTURAL RENATO RUSSO, NA 508 SUL, SAUDARAM O MESTRE

SINGELAS homenagens

NA PASSAGEM DO CORTEJO PELA W3 SUL, APLAUSOS, PÉTALAS E CARTAZES FORAM OS MEIOS ENCONTRADOS PELOS BRASILIENSES PARA SE DESPEDIR DE ATHOS

ADRIANA BERNARDES
DA EQUIPE DO CORREIO

Assim como a vida e a obra de Athos Bulcão, as homenagens foram simples e carregadas de emoção. O cortejo saiu do Palácio do Buriti logo após as 16h e seguiu — um pouco apressado, é verdade — pela W3 Sul. O artista costumava passear pela avenida e a escolheu como endereço por duas vezes: primeiro morou na Quadra 709 e depois na 714 Sul. Os familiares lembraram que era na antiga papelaria ABC, na W3, que ele comprava as tintas usadas nas suas pinturas.

Ao longo do caminho — o corpo de Athos foi levado ao Cemitério Campo da Esperança em carro do Corpo de Bombeiros —, a despedida mobilizou crianças, adultos e pioneiros. Todos, de formas diferentes, quiseram prestar sua homenagem ao mestre.

Paulo H. Carvalho/CB/DA Press



AS MORADAS DO MESTRE

A Avenida W3 Sul foi o endereço de Athos Bulcão por duas vezes.

- 1 A primeira, na **709**, quando o artista se mudou para a capital, em agosto de 1958.



Asa Sul

Avenida W3 Sul

Parque da Cidade

- 2 Depois, um pouco mais adiante, na

por duas vezes: primeiro morou na Quadra 709 e depois na 714 Sul. Os familiares lembraram que era na antiga papelaria ABC, na W3, que ele comprava as tintas usadas nas suas pinturas.

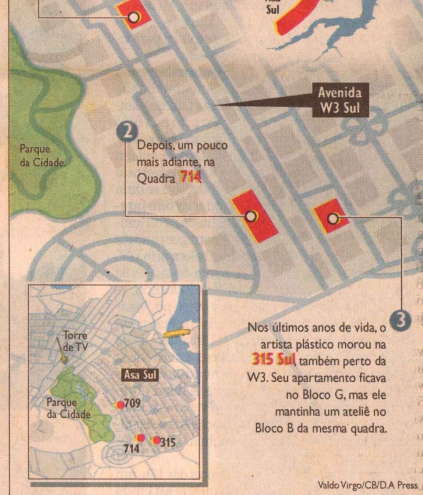
Ao longo do caminho — o corpo de Athos foi levado ao Cemitério Campo da Esperança em carro do Corpo de Bombeiros —, a despedida mobilizou crianças, adultos e pioneiros. Todos, de formas diferentes, quiseram prestar sua homenagem ao mestre.

Nas janelas e na calçada do Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, funcionários e alunos esperaram o cortejo passar. Uma salva de palmas foi o adeus ao artista que deu cor à Brasília. "Aplaudir é o mínimo que podíamos fazer", disse Johanne Madsen, coordenadora do espaço. Alguns não contiveram as lágrimas. "Sou carioca como ele. Vivo em Brasília desde os 4 anos de idade. Sou apreciadora da arte dele. Enfim, a gente não se emociona por um motivo apenas. São muitas coisas juntas", comentou a funcionária pública Margareth Ribeiro, 51 anos.

Para Johanne Madsen, Athos Bulcão é um artista único. Ela destacou a habilidade dele em misturar arte com arquitetura e a capacidade de levar a arte para as ruas. "Você vê as obras de Athos em um palácio, em uma igreja, em um ambiente formal. Do bra a esquina e se depara com os traços característicos em um prédio, na escola, no parque, em todo lugar", comentou.



O CORPO DO ARTISTA FOI LEVADO, DO PALÁCIO DO BURITI AO CEMITÉRIO CAMPO DA ESPERANÇA, EM CARRO DO CORPO DE BOMBEIROS



2 Depois, um pouco mais adiante, na Quadra 714

3 Nos últimos anos de vida, o artista plástico morou na 315 Sul, também perto da W3. Seu apartamento ficava no Bloco G, mas ele mantinha um ateliê no Bloco B da mesma quadra.

Valdo Virgo/CB/D.A. Press

Quebra-cabeças

Na altura da 511, a cabeleireira Maria Augusta Trindade, 45 anos, reuniu a filha Fernanda Trindade, 14 anos, a sobrinha Elisa Maranhão, 15, e o neto Lucas, 1 ano. "Sempre que caminhamos pelo parque (da Cidade) fico admirada com os azulejos (que decoram algumas paradas de serviço). É uma forma de homenagear o homem que encheu os nossos olhos de alegria e beleza", afirmou.

Quando o caminhão do Corpo de Bombeiros se aproximava da 516 Sul, foi a vez de um grupo de crianças com idades entre 8 e 10 anos se despedir do artista. Nas mãos, cartazes com os dizeres "Athos, obrigada!" ou "Valeu, Athos" e desenhos inspirados nos traços do mestre. Tanta familiaridade e empenho tem explicação: na Escola Classe da 316 Sul, onde os pequenos estudam, há um mural de Athos

Bulcão. E na mente de cada um dos aprendizes mineiros, vários motivos para gostar das obras coloridas.

O encanto de Cristiane Santos da Silva Ribeiro, 9 anos, vem da semelhança dos azulejos com os quebra-cabeças. "Ele brinca com as obras. Não podia ter morrido. Assim, ele poderia ter feito mais obras bonitas como as que ele já tinha", disse. Aos 8 anos, Amanda Monteiro da Silva sabe o que muito adulto nem imagina. "A arte dele está no Brasil e até em outros países. A criatividade dele vai ficar por aí para todo mundo poder ver", afirmou, com ar sério.

O colega dela, Caio Lucas de Freitas Moreira, 8, contou que se entristeceu com a morte de Athos. "Ele tem 200 obras e todas são muito legais. Eu

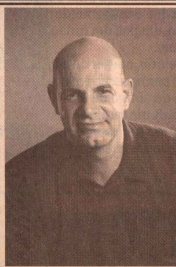
gosto muito porque ele vai brincando com os azulejos", explicou. Guilherme Gomes da Silva, 8, tem a mesma impressão: "quando a gente olha, pensa que ele joga com as peças", comentou.

Rosas

A poucos metros da entrada do Cemitério Campo da Esperança, um grupo de 10 comerciantes do Mercado das Flores fez questão de homenagear o homem que marcou a história da arte de Brasília. Cada um arranjou um punhado de pétalas de rosas de diferentes cores — como as peças de Athos Bulcão — e lançou sobre o cortejo. A iniciativa partiu de Walter Paiva, 55 anos, que começou a

vender flores na porta do cemitério ainda em 1964. "É uma homenagem simples. Mas é do fundo do coração", disse.

Numa mistura de orgulho e tristeza, Walter mostrava os azulejos pintados por Athos Bulcão na área central do mercado. Orgulho por ter, ao alcance dos olhos, a obra de um artista tão importante. Tristeza, por não conseguir sensibilizar as autoridades sobre a necessidade de restaurar as peças. "Isso aqui é marca de bala. Foi há uns 10 anos. Um povo brigou lá no meio da rua e a bala acertou a parede", apontou. "Já isso aqui são moradores de rua. Dormem à noite, sobem na mureta e acabam quebrando o trabalho de Athos", lamentou Walter.



José Henrique Novais Campos

18/07/62 - 27/07/08

Missa de 7º Dia

Mãe, irmãos, esposa e demais familiares agradecem as manifestações de carinho recebidas e convidam para a Missa de 7º Dia, que será celebrada no dia 02 de agosto de 2008, sábado, às 18 horas, na Paróquia Bom Jesus (601 Sul, ao lado do Colégio Santa Rosa).

"Há pessoas que transformam o sol em uma pequena mancha amarela, porém há também as que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol."

Picasso

MESMO TRAJETO

Há 32 anos, o cortejo fúnebre do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira seguiu o mesmo caminho trilhado ontem na despedida a Athos Bulcão. Em 23 de agosto de 1976, 350 mil pessoas seguiram pela W3

Sul atrás do carro do Corpo de Bombeiros que levava o corpo de JK. Foi a maior manifestação popular da capital após o golpe militar de 1964.

O percurso entre a Catedral e o Cemitério Campo da Esperança durou seis horas. JK foi sepultado ao lado do amigo Bernardo Sayão, engenheiro e principal executor da construção de Brasília.

Auduto Cruz/CB/D.A. Press - 23/8/76

